



Footnote 15: A Prototype

Ana Cardoso, Union Gaucha Productions
(Karin Schneider e Nicolás Guagnini),
Eileen Quinlan, Jorge Pinheiro, Igor Krenz,
Józef Robakowski, Monika Sosnowska,
Tomás Cunha Ferreira

Galerias Municipais – Galeria da Boavista
Rua da Boavista 50, Lisboa

Terça a domingo 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

Um protótipo é uma forma inicial dada a um material. Um protótipo pode ser visto como um modelo sujeito a modificação – e pode, ou não, vir a ser desenvolvido. *Footnote 15* pretende explorar o prototípico na obra de artistas portugueses, polacos, brasileiros, argentinos e norte-americanos de diferentes gerações, cuja prática tem em comum linguagens vanguardistas assentes em sistemas modulares e na abstração geométrica.

Este projeto é uma colaboração em curso entre Ana Cardoso (artista portuguesa que vive em Lisboa e Nova Iorque) e Barbara Piwowska (curadora polaca que vive e trabalha no Porto, na Casa São Roque). O diálogo entre ambas teve início em 2020, no estúdio de Ana Cardoso em Lisboa. Cardoso mostrou a Piwowska uma ideia em protótipo para uma exposição na qual as suas e outras pinturas contemporâneas dialogariam com obras abstratas da escultora polaco-russa Katarzyna Kobro, cuja prática se articulou entre o Construtivismo e o Unismo. Por coincidência, Kobro fora também o ponto de partida para o projeto *Footnote* de Piwowska, iniciado em 2010 em Varsóvia. Enquanto projeto à margem da história e das vanguardas, explorava a extraordinária e pouco conhecida recepção da obra de Kobro na América do Norte e do Sul nos anos 90 e início da década de 2000. Entre as décadas de 1920 e 1930, Kobro desenvolveu as suas composições abstratas relacionando-as com o corpo do observador, unificando tempo e espaço, em defesa do ritmo da vida humana e em confronto com o legado do Construtivismo, Neoplasticismo e Arte Concreta.

A prática de Cardoso desenvolve-se em torno da estrutura objetiva da pintura tornada modular. As suas pinturas podem ser reinstaladas e encenadas. Durante a última década, o seu sistema tem vindo a ser ativado no espaço e no tempo de diversos modos e em diálogo com a história da abstração americana. O seu primeiro módulo, um quadrado que se encaixa sem esforço entre dois braços (112 x 112 cm), foi subseqüentemente dividido em quatro dando origem a um triângulo. Para Cardoso, estas formas antropométricas podem ser facilmente movidas, empilhadas, promovendo uma melhor economia. Adaptam-se a vários contextos e propõem instalações e imagens em fluxo. As suas pinturas e módulos continuam sujeitos a mutações, subdivisões e a popular uma partitura em curso. Em 2015, alguns triângulos viajaram com Cardoso e foram temporariamente colocados como esboços interventivos em várias localizações, tanto em instituições históricas como em paisagens naturais. O convite à participação e a abertura das composições de Cardoso entram em diálogo com a obra eternamente incompleta de Katarzyna Kobro (interrompida em 1951 pela sua morte), mas também com obras análogas, desenvolvidas independentemente por Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica do Neoconcretismo brasileiro da década de 1960. Em *Footnote 15: A Prototype*, Cardoso contribui com uma instalação de vários painéis concluídos em 2022. À entrada, convida o público a ativar uma série de telas sobre um plinto

(*Protótipo*), a tocar na obra, a sentir a sua materialidade e a experimentar as suas várias configurações possíveis.

Esculturas de Kobro produzidas entre 1922 e 1933 estão presentes na exposição através do documentário experimental *Kompozycje przestrzenne Katarzyny Kobro* [Composições espaciais de Katarzyna Kobro] (1971), de Józef Robakowski. No filme, podemos também ouvir as suas palavras e parte do tratado *Composição do Espaço: Cálculo do Ritmo Tempo-Espaço* do qual foi coautora com o marido, Władysław Strzemiński, em 1931. No tratado, Kobro afirma: «A tarefa da composição espacial é esculpir as formas que vão ser introduzidas na vida. A composição espacial é uma investigação laboratorial que decide a arquitetura de cidades futuras. Ao tornar-se arquitetura, organiza o ritmo dos movimentos do ser humano no espaço. O seu ritmo transforma-se, assim, no ritmo da multidão e do indivíduo». A obra de Kobro encontra-se também presente na instalação vídeo *Prostowanie skrzywienia* [Correção de Inclinação] (2007), de Igor Krenz, a qual, apresentada num ecrã inclinado, aborda a sala Neoplasticista do Muzeum Sztuki, em Łódź, concebida por Strzemiński, em 1948, para exibir a coleção do grupo “a.r.”. No fotograma escolhido surge uma funcionária do museu junto a *Kompozycja przestrzenna 3* [Composição Espacial 3] (1928), de Kobro, à pintura *Composition* [Composição] (1931), de Sophie Taeuber-Arp e a *Counter-composition XV* [Contra-composição XV] (1925), de Theo van Doesburg. Para além deste legado, Monika Sosnowska apresenta ainda um esboço para uma escultura e um modelo muito pequeno da instalação de grandes dimensões *Bon Voyage* [Boa Viagem], de 2000, que se assemelha às composições espaciais de Kobro ou ainda aos modelos arquiteturais de De Stijl e van Doesburg. O protótipo, preparado no seu estúdio na Rijksakademie, em Amesterdão, foi concebido para ser colocado no chão, no interior da grande estrutura «final», de modo a introduzir o aspeto da escala. De acordo com Sosnowska, a obra de grandes dimensões era uma composição híbrida e «convidava à imersão na pintura espacial colorida».

Piwowska conheceu Karin Schneider (brasileira nascida no Rio de Janeiro, de origens portuguesas, açorianas) e Nicolás Guagnini (argentino nascido em Buenos Aires, de origens judaico-portuguesas) através de R.H. Quaytman. O encontro, que revelou o seu envolvimento profundo com a obra de Kobro e Strzemiński, ocorreu durante uma colaboração de Piwowska no projeto *Orchard*, um espaço gerido coletivamente em Nova Iorque, em 2005/6. Na década de 1990, Schneider e Guagnini fundaram a dupla artística e empresa de cinema experimental Union Gaucha Productions. O seu primeiro filme *Phantom Limb* [Membro Fantasma] (1998) incluía filmagens de peças de Kobro a serem manipuladas pelos próprios num banco rotativo no armazém do Muzeum Sztuki, em Łódź, em 1997 (com a autorização da filha de Kobro, Nika Strzemińska, que conheceram acidentalmente num parque de estacionamento

defronte do museu), justapostas a filmagens dos *Bichos*, de Lygia Clark, a serem manipuladas e tocadas pela colecionadora e galerista Luisa Strina. O filme estreou na Galeria Luisa Strina e no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1998. *Phantom Limb* é a primeira descoberta das relações indiretas entre as obras de Kobro e de Clark. Como documentário ficcional, que também inclui obras de Raúl Lozza e Oiticica, estabelece um diálogo entre os movimentos vanguardistas periféricos (nas palavras de Union Gaucha, «barroco-concreto»), o legado concreto não-canónico e modernismos marginais da Argentina, do Brasil e da Polónia que, na década de 1990, não estavam ainda presentes nas exposições de coleções permanentes de museus internacionais. Esta contribuição, reconhecida uma década depois, inspirou o programa do Muzeum Sztuki, em Łódź, em que Jarosław Suchan organizou a exposição *Katarzyna Kobro / Lygia Clark* em 2008. Em 1998, as filmagens foram descritas por Claudio Dacosta como «in trans» e interpretadas como um membro fantasma de um corpo ausente: «forma enquanto processo». O filme *Phantom Limb* foi inicialmente baseado numa série de centenas de polaroides que funcionavam como um guião visual.

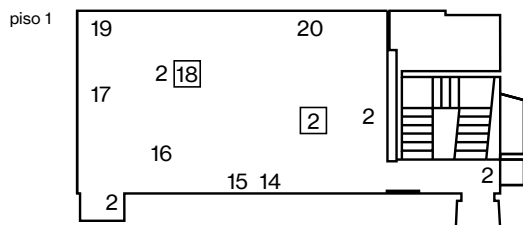
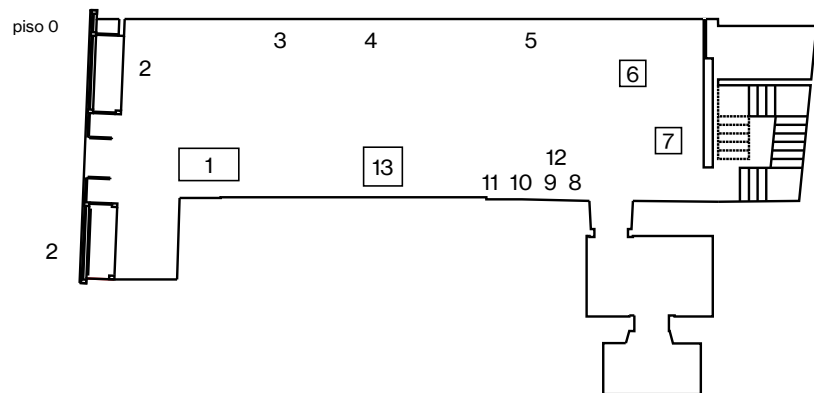
Para a exposição *Footnote 15*, a artista nova-iorquina Eileen Quinlan produziu cinco grupos de 24 polaroides, num comentário à serialidade e potencial manipulativo dos sistemas modulares do brinquedo *Magna-Tiles*, com o qual os seus filhos brincavam. Dois grupos, *First Things First* [Primeiras coisas em primeiro lugar] (2022) e *Gravity Fails* [A Gravidade Falha] (2022) dão continuidade às suas polaroides anteriores conhecidas como *Play Time* [Tempo para Brincar] (2014). Revelam imperfeições técnicas e erros nas provas impermanentes das polaroides, nas quais os *Magna-Tiles*, peças simples de plástico produzidas em massa, se assemelham a vidro colorido com formas que sugerem protótipos de esculturas, oferecendo um contraste divertido com a obra *Bichos*, de Clark, sólida, feita à medida, em metal. Também entram em diálogo com as obras que se encontram próximas *Périplo*, *Protótipo* (2022) ou *Pendente* (2022), de Cardoso, e muito especialmente com a escultura cor-de-rosa em vidro acrílico de Jorge Pinheiro, de 1970, que consiste em quadrados e retângulos de vidro acrílico industrial dobrados e pintados manualmente para obter uma tonalidade rosada.

Para Jorge Pinheiro «um objecto é sempre projecto de novo objecto». O artista começou a produzir obras abstratas em 1966 após uma estadia em Amesterdão onde visitou o Stedelijk Museum. Pouco depois, em 1968, foi cofundador do grupo de curta duração Os Quatro Vintes, com Ângelo de Sousa, José Rodrigues e Armando Alves, que se focava na abstração e estava ligado à Escola de Belas-Artes do Porto. Inesperadamente, a sua obra propõe duas analogias interessantes com a prática de Katarzyna Kobro. Em primeiro

lugar a existência paralela de figuração e abstração na sua obra. Depois, a composição e cálculo do espaço através da aplicação de seqüências e secções de Fibonacci que, por vezes, resultam em puros “fibonagramas”, tal como nos desenhos de Pinheiro de 1970 exibidos em *Footnote 15: A Prototype*. A exposição inclui uma outra obra, retirada da prateleira do seu estúdio em São João do Estoril: *Protótipo para Madame Butterfly*. Trata-se de um modelo ilusionista para uma das iterações da escultura em vidro acrílico azul, datada de 1970/2010.

Ao longo de vários anos, Tomás Cunha Ferreira, artista residente em Lisboa, tem vindo a enquadrar a sua obra no conceito de protótipo: «Combina vários suportes numa prática transdisciplinar e em circuito aberto – (as obras) funcionam como protótipos, em várias etapas e estados – tais como notas de leitura, anotações, poemas visuais, padrões, pinturas, murais». Cada obra resulta numa figura híbrida condensada cuja leitura se encontra em constante transição entre elementos visuais e rítmicos. Podem ser consideradas como algo entre objeto e imagem: «quase-objeto», «quase-imagem» ou «quase-pintura», «quase-objeto mutante», que pode assumir várias combinações ou, pelo menos, a possibilidade de alteração de posição, modelando relações com o ambiente envolvente. Cunha Ferreira viveu no Brasil durante muitos anos. Em São Paulo, aprendeu sobre poesia Concreta através de Augusto de Campos e Haroldo de Campos. No Rio de Janeiro, através dos seus familiares, cresceu em proximidade com Anna Mariani e João José Costa, do movimento neoconcretista, cofundador do Grupo Frente estabelecido por volta de 1954 por Ivan Serpa, Lygia Pape, Lygia Clark, Hélio Oiticica, entre outros. Partilha também um diálogo artístico de longa duração com Ana Cardoso, especialmente visível no gesto de coser tecidos coloridos e ativar as suas superfícies. Cunha Ferreira foi convidado a concluir *Footnote 15* com *Murmur* (2022), uma intervenção *site-specific* que consiste em pequenos objetos instalados na fase final de montagem da exposição.

Footnote é um projecto em curso que aplica uma «metodologia das margens», referenciando instituições, situações e conceitos existentes na forma de exposições e intervenções. Iterações anteriores organizadas entre 2010-2021, incluem: *Footnote 1: Phantom Limb* (CCA Ujazdowski Castle, Varsóvia); *Footnote 2: Correction* (Silberkuppe, Berlim); *Footnote 3: Andrea Fraser* (Foksal Gallery, Varsóvia); *Footnote 5: Screening Space* (MUMOK, Viena); *Footnote 6: As Model* (Miguel Abreu Gallery, Nova Iorque); *Footnote 10: Museum of the Unknown* (Centre Pompidou, Paris); *Footnote 11: Volodymirskyi Market* (Kiev Art Week, Kiev); *Footnote 12: No Medium* (Academy of Fine Arts / Exhibitions Bureau, Varsóvia); e *Footnote 14: Angel of History* (Casa São Roque, Porto).



1
Ana Cardoso
Protótipo, 2022
 Acrílico sobre linho e algodão
 Cortesia da artista

2
Tomás Cunha Ferreira
Murmur, 2022
 Instalação, técnica mista
 Cortesia do artista

3
Ana Cardoso
Pendente, 2022
 Acrílico sobre linho e algodão costurados
 Cortesia da artista

4
Ana Cardoso
Participante, 2022
 Óleo e acrílico sobre linho e algodão costurados
 Cortesia da artista

5
Jorge Pinheiro
Protótipo para Madame Butterfly, sem data
 Desenho tridimensional (modelo para a escultura de plexiglas) [1970/2010]
 Papel, aguarela, ecoline, tinta, madeira, ferro
 Cortesia do artista e da Galeria Miguel Nabinho

6
Union Gaucha Productions (Karin Schneider e Nicolas Guagnini)
Phantom Limb (Membro Fantasma), 1998
 Filme digitalizado de 16 mm, loop, 21'35"
 Cortesia Union Gaucha Productions

7
Igor Krenz
Correção de Inclinação (Prostowanie skrzywienia), 2007/2022
 Vídeo instalação, 21'55", loop, sem som,
 monitor, cubo de madeira
 Cortesia do artista

8
Eileen Quinlan
A gravidade falha (Gravity Falls), 2022
 7 polaroides
 Cortesia da artista e Miguel Abreu Gallery

9
Eileen Quinlan
Nós não falamos (We Don't Talk), 2022
 6 polaroides
 Cortesia da artista e Miguel Abreu Gallery

10
Eileen Quinlan
A Cavidade (The Hollow), 2022
 6 polaroides
 Cortesia da artista e Miguel Abreu Gallery

11
Eileen Quinlan
Primeiras coisas em primeiro lugar (First Things First), 2022
 2 polaroides
 Cortesia da artista e Miguel Abreu Gallery

12
Eileen Quinlan
Cristal rastejante (Creeping Crystal), 2022
 3 polaroides
 Cortesia da artista e Miguel Abreu Gallery

13
Jorge Pinheiro
Sem título, 1970
 Plexiglas e ferro
 Coleção Rui Victorino

14
Jorge Pinheiro
Sem título, 1970
 Indian ink e ecoline sobre papel
 Cortesia do artista e da Galeria Miguel Nabinho

15
Jorge Pinheiro
Sem título, 1970
 Indian ink e ecoline sobre papel
 Coleção Pedro Cabrita Reis

16
Józef Robakowski
Composições Espaciais de Katarzyna Kobro (Kompozycje przestrzenne Katarzyny Kobro), 1971
 Filme digitalizado de 35 mm, 10', som
 Cortesia National Film Archive – Instituto Audiovisual (FINA), Varsóvia

17
Monika Sosnowska
Bon Voyage, 2003
 Lápis sobre papel
 Coleção Peter Meeker (Pedro Álvares Ribeiro) / Casa São Roque, Porto

18
Monika Sosnowska
Bon Voyage, 2000
 Contraplacado, tinta a óleo
 Modelo para instalação em grande escala em Rijksakademie, Amsterdão
 Coleção Peter Meeker (Pedro Álvares Ribeiro) / Casa São Roque, Porto

19
Ana Cardoso
Périplo, 2021
 Acrílico sobre algodão costurado
 Cortesia da artista

20
Ana Cardoso
Preâmbulo, 2021/2022
 Acrílico sobre linho costurado
 Cortesia da artista